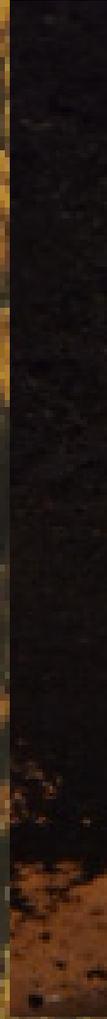


# > PROA | GALLERIA



# > ANCÉS E OUTRAS MACUMBARIAS: POÉTICA VISUAL DE RASTROS INSURGENTES

**TIETA MACAU (CONCEIÇÃO DE MARIA MACAU MENDES)**

> [tietamacau@hotmail.com](mailto:tietamacau@hotmail.com)  
Mestranda em História  
Universidade Federal do Ceará

Escolho começar pelo rastro deixado na terra dos meus. De início, trago à baila uma breve lembrança de Seu Joca, pescador e morador antigo do Cajueiro – comunidade remanescente de quilombo em São Luís/MA –, que numa conversa sobre pertencimento e memória, ao “rastar” o pé no chão de terra me disse: “Não sei de nada não minha filha... Só sei mesmo fazer rasto!”.

Aqui se constrói um ensaio visual a partir da poética do rastro enquanto trajeto estético da pesquisa Ancés, esta que se apresenta como plataforma para pensar/inventar relações entre ancestralidade, diáspora negra, corpo, decolonialidade e contra-colonialidade (SANTOS, 2019). Criações/imagens que se tangenciam aos estudos pós-coloniais e constroem brechas para observar que aparições, macumbarias, insurgências podem se relacionar com questões sociopolíticas, com tendências e estudos contemporâneos das artes, a partir de epistemologias oriundas de contextos não hegemônicos.

Por aqui é de interesse a memória em Benjamin (1985), o anjo da história de Heiner Muller e um pouco mais a fundo a Sankofa africana, a cidade enquanto lugar de memória, os griots, caciques, mestras e mestres populares. Neste caminho considero ancestralidade tanto a relação com os antepassados de cadeia genética, cultural, assim como teia costurada por movimento, sentimento, pensamento, ação, enquanto história, geografia e saudade – o banzo. Como categoria analítica, princípio organizacional do povo negro, elemento primordial da cosmologia africana no Brasil, resistência afro diaspórica e protagonista na construção histórico-cultural negra na diáspora e do próprio país (OLIVEIRA, 2007).

A relação com ancestralidade nessas imagens/ações se faz em questões: como

pensar composição a partir de uma ancestralidade afroreferenciada sem permanecer em padrões estereotipados lançados à corporeidade negra? Quais os dispositivos que agenciam essas memórias ancestrais numa dimensão (trans)temporal? Quais os trajetos que as criações podem tomar para desmontar o pensamento colonial, que tenta levar toda produção a partir de uma epistemologia da ancestralidade (OLIVEIRA, 2007), de um corpo em diáspora e suas possibilidades em dança e cena (SILVA, 2017), ou qualquer outra iniciativa negra, das estratégias folclorizantes (NASCIMENTO, 2016)? Quais as formas de insistir/existir em programas de pesquisa, publicações, laboratórios de criação, editais de fomento com projetos que partem de um corpo oriundo de contextos subalternizados?

Este ensaio visual traz alguns registros de três macumbarias/aparições e seus rastros como possibilidade de construção de uma narrativa disruptiva de um corpo negro que se desenterra numa ação de refazimento de si, que demarca o chão para dar imagem/corpo as virtualizações das estatísticas e necropolíticas (MBEMBE, 2018), que deixa rastros de suas práticas de asé, de um corpo que tenta desfazer o trajeto imposto pela construção colonial, que dança memórias e reinventa presentes.

## REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas v. I: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo, sp: n-1 edições, 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.
- SANTOS, A. Bispo. Colonização, Quilombos: modos e significações. 2ª Ed. Brasília: AYÔ, 2019.
- SILVA, Luciene R. Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny. Tese (doutorado) - Universidade de Campinas. Campinas, SP, 2017.



**Imagem 01: Rastros da ação Anastácias.** Ação de movimento e leitura, um afefé (sopro e som) que dança e tenta desmontar esquemas de amordaçamento. Aparição de denúncia, cura e de inversões lexicais. Na imagem rastros da ação: azeite de dendê, farinha branca de mandioca, alguns pregos cuspidos da minha boca ao falar. Alguns destes elementos são ligados a Exu (Legbara) regente da comunicação na cosmologia africana. (Galeria Sem Título/CE – Foto: Sidnei Maia, 2019).



**Imagem 02:** Círculo de sal e areia em um dos rastros de Ancés. Ação onde desdobro curvas e leituras, numa tentativa de traçar a genealogia de um corpo negro em dança, que se desenterra e tenta desfazer e questionar trajetos impostos. Aqui o primeiro a ser feito é o círculo de sal grosso, cantigas e versos de licença e guarda. Pra suspender as muralhas de proteção. (Galeria Vermelho/SP – Foto: Edouard Fraipont, 2019)



**Imagem 03: Enterrar, aterrar.** A areia, a terra ou barro, o mineral terroso da energia primária da criação do ser humano por Nanã, mineral possível de cada lugar em que o rasto de Ancés se faz. Terra o bastante para enterrar o meu corpo e montar o terreiro dentro do círculo de sal. (Galeria Vermelho/SP – Foto: Edouard Fraipont, 2019)



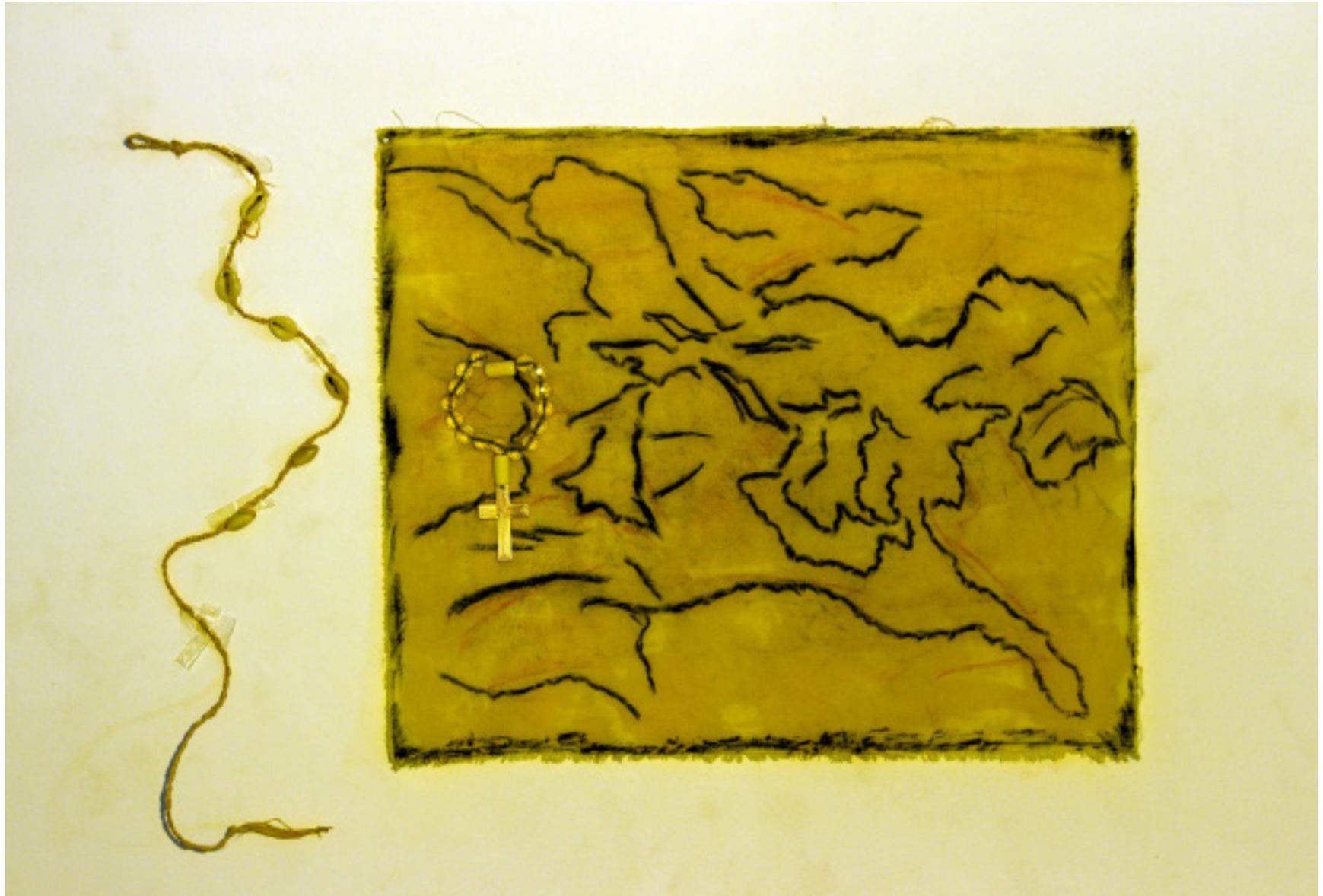
**Imagem 04:** Terra preta o bastante para enterrar o meu corpo e montar o terreiro dentro do círculo de sal . Agora o chão está posto e posso começar a traçar o retorno, um regresso como o Anjo da História, curvar-me como a Sankofa e permitir que o passado se inscreva no seguir para o que está a frente, e antes de tudo para o que está no agora. (Galeria CHÃO/SLZ – Foto: Dinho Araújo, 2019).



**Imagem 05:** Registro de 60:1. Uma das quatro ações do programa Desvio Padrão, composição insurgente de um corpo negro que se reconhece como erro padrão da estimativa. Ação que da imagem e movimento aos números virtualizados pelos padrões estatísticos voltados as corporeidades negras. (Centro Histórico/SLZ – Foto: Dinho Araújo, 2018).



**Imagem 06: Rastro de 60:1.** Cravado no calçamento de um bairro histórico rodeado de casarões coloniais, erguidos com esforço de corpos escravizados. Um rastro lembrança da narrativa colonial ainda operante com suas necropolíticas. (Centro Histórico/SLZ – Foto: Dinho Araújo, 2018).



**Imagem 07: Cartografia de um rio.** Um dos mapas da série Acidentes Geográficos, série de rastros dos processos de Ancés. Alguns fragmentos detectáveis e guardados da partilha dançada. Mapa feito na ação de carimbar o corpo em tecido após os processos em sala de ensaio. Carimbo de suor e saliva escorridos no corpo em tecido de algodão cru, com intervenção de carvão e verniz e aplicação de contra-eguns e miçangas de rosários de Mina (trançado em Palha da Costa e cordão de contas ambos utilizados em religiões de matriz africana). Aqui as cores das contas fazem referência ao orixá Oxum e a palha ao orixá Obaluaê. Cartografia de um rio de cura. (Foto: Daniel Pellegrin, 2019).



**Imagem 08: Pé que rasta a areia e mapeia o chão que pisa.** Rasto um a aparição Ancés. (Centro Cultural Vale/MA – Foto; Paula Barros, 2017).



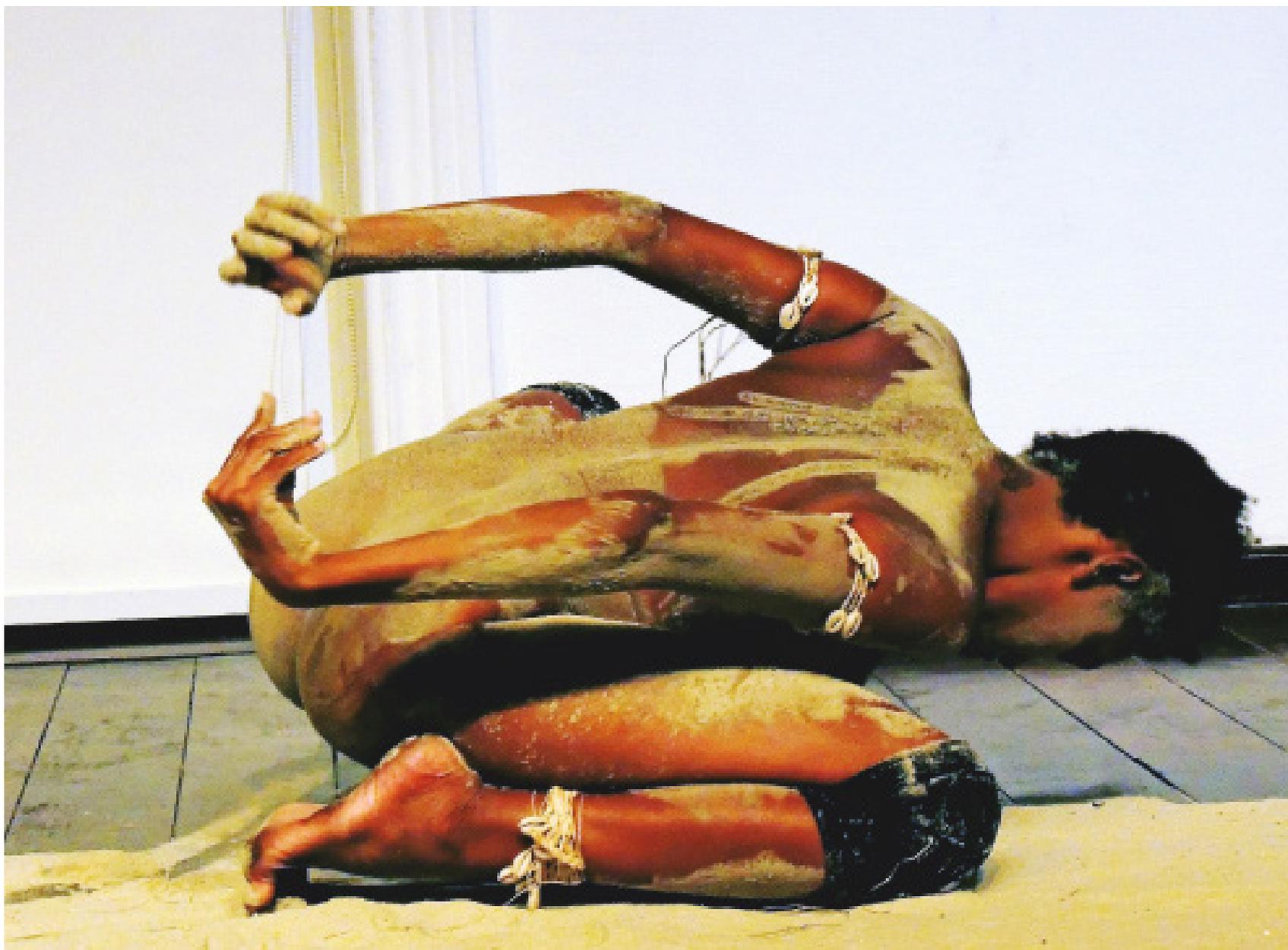
**Imagem 09: Quantos oitos nos impedem de [dançar=pensar]?** Em quantos oitos um corpo não consegue se enquadrar? Pés negros de um corpo negro que confere 400 anos de travessia/tráfico Atlântico. Quantos 8 me impedem de chegar a 5 milhões e pouco? É a segunda ação do programa Desvio Padrão. (Galeria CHÃO/SLZ – Foto: Dinho Araújo, 2018)



**Imagem 10: Ausência e o que resta .** Quantos 8 me impedem de chegar a 5 milhões e pouco? É a segunda ação do programa Desvio Padrão. (Galeria CHÃO/SLZ – Foto: Dinho Araújo, 2018)



**Imagem 11: Cartografia dos pés.** Um dos mapas da série Acidentes Geográficos, série de rastros dos processos de Ancés. Carimbo de suor e saliva escorridos no corpo em tecido de algodão cru, com intervenção de carvão e verniz e aplicação de trançado de Palha da Costa e búzios. (Foto: Daniel Pellegrin, 2019)



**Imagem 12:** Curva da Sankofa a dança para trás. Primeira aparição de Ancés. (Centro Cultural Vale/MA – Foto: Paula Barros, 2017)



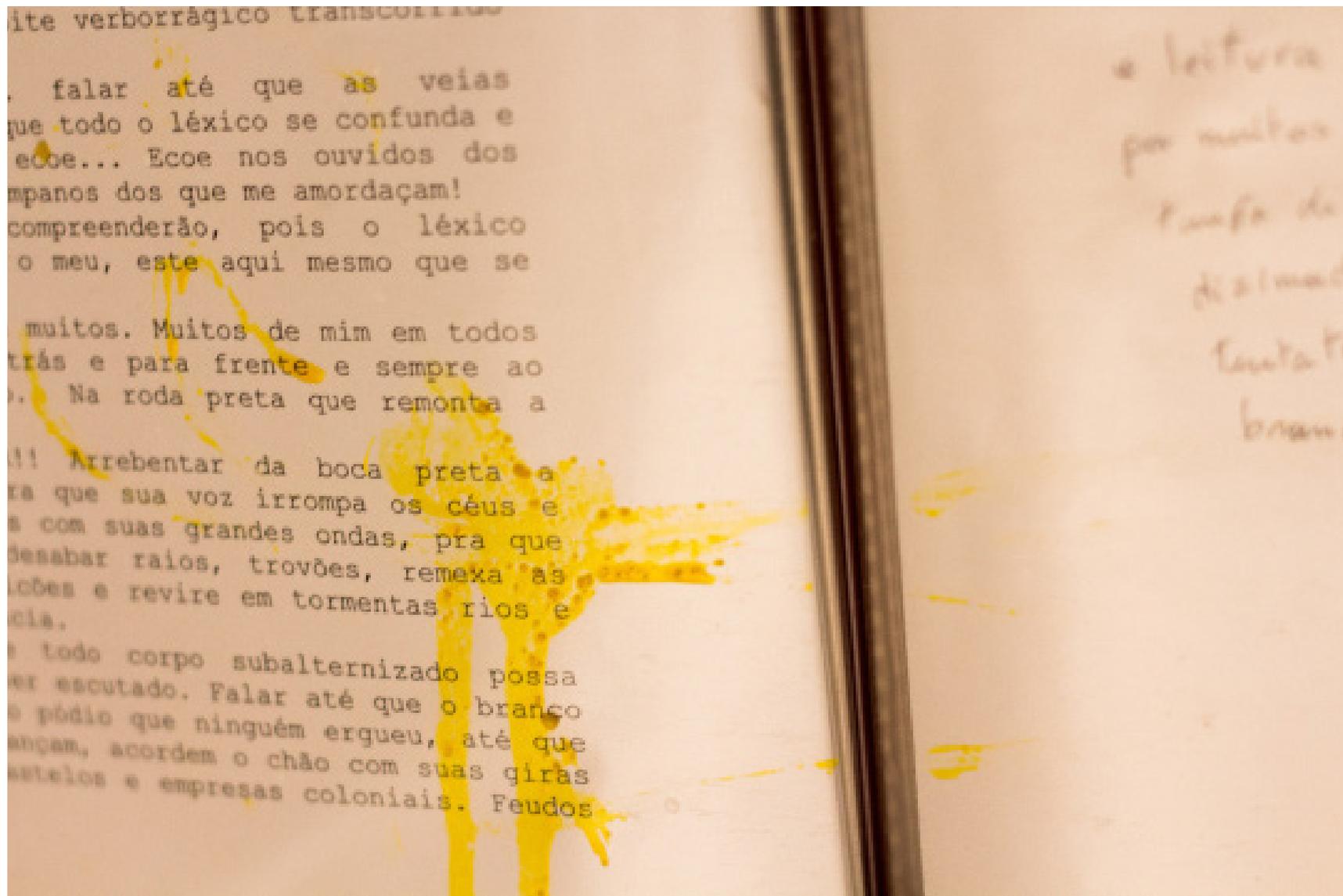
**Imagem 13:** Curva de Bessen. Primeira aparição de Ancés (Centro Cultural Vale/MA - Foto: Paula Barros, 2017)



**Imagem 14:** Ancés se desenrola num tempo e espaço deslocado da temporalidade regida por Chronos e se aproxima do tempo em Iroko, o tempo de imanência da ação. Percorre o tempo de evocação e articulação de memórias que se dão entre movimento, som e palavra, rastros que compõem o presente da criação. (Galeria Vermelho/SP - Foto: Edouard Fraipont, 2019).



**Imagem 15:** “Monstra, algo que foge o natural. ...se natural for seguir as rédeas polidas e clareadas que oferecem nortes e setores ao meu existir, sim sou MONSTRA! Se é pra ser norteada prefiro ir ao sul, suleada. Prefiro atravessar em direção ao continente, prefiro a pangéia, disforme e preta.” - Trecho do texto Roda Preta escrito para aparição Ancés. (Galeria Vermelho/SP – Foto: Foto: Edouard Fraipont, 2019).



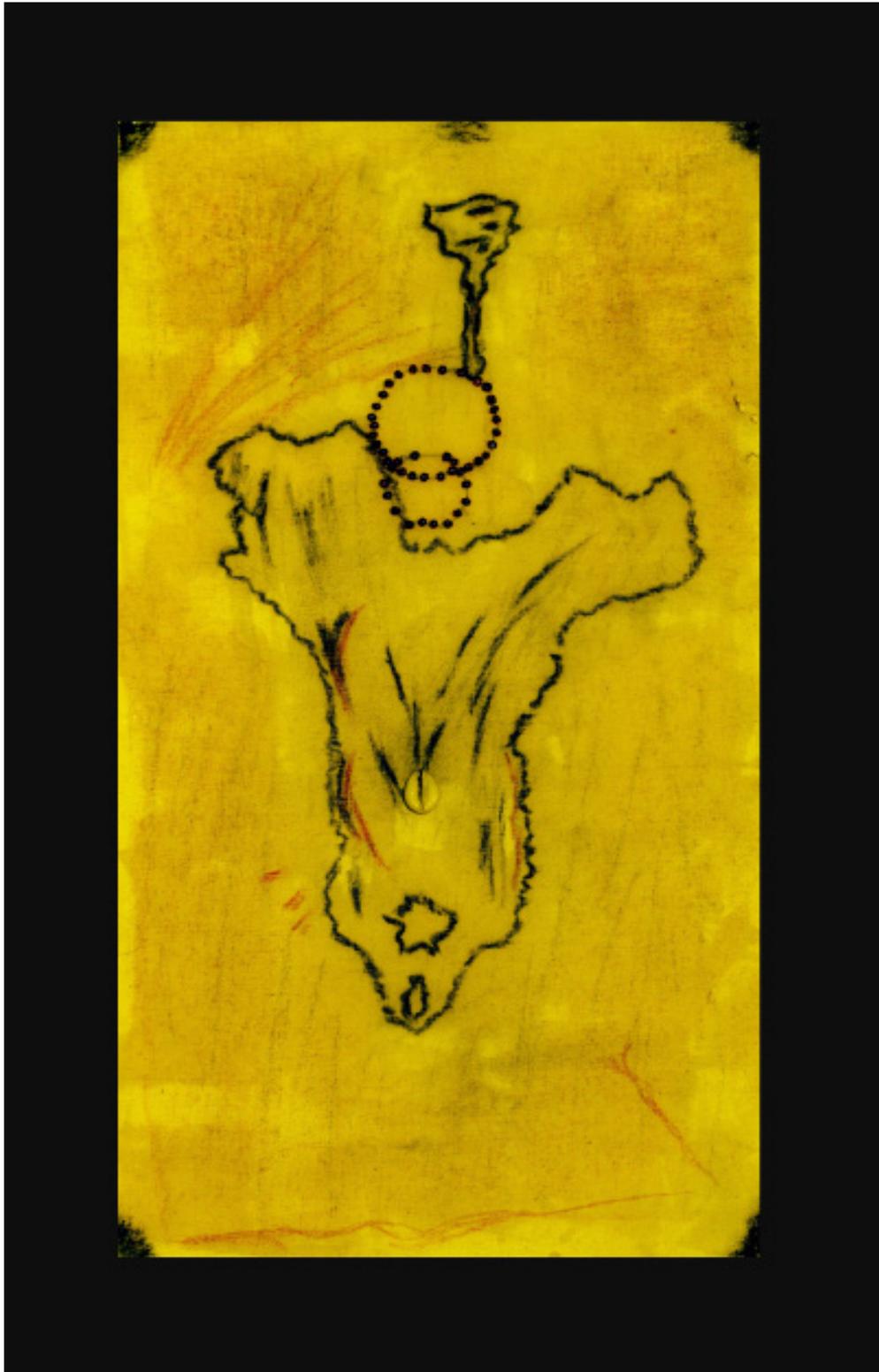
**Imagem 16: Na imagem rastros de dendê e textos da ação Anastácias.** “FALAR!! Arrebentar da boca preta a máscara da Anastácia. Para que sua voz irrompa os céus e alcance os mares infindos com suas grandes ondas (...) Reverbere Anastácia!” - Trechos do texto Açoite verborrágico: Anastácias sem mordaca utilizado na macumbaria Anastácias. (Galeria Sem Título/CE – Foto: Sidnei Maia, 2019).



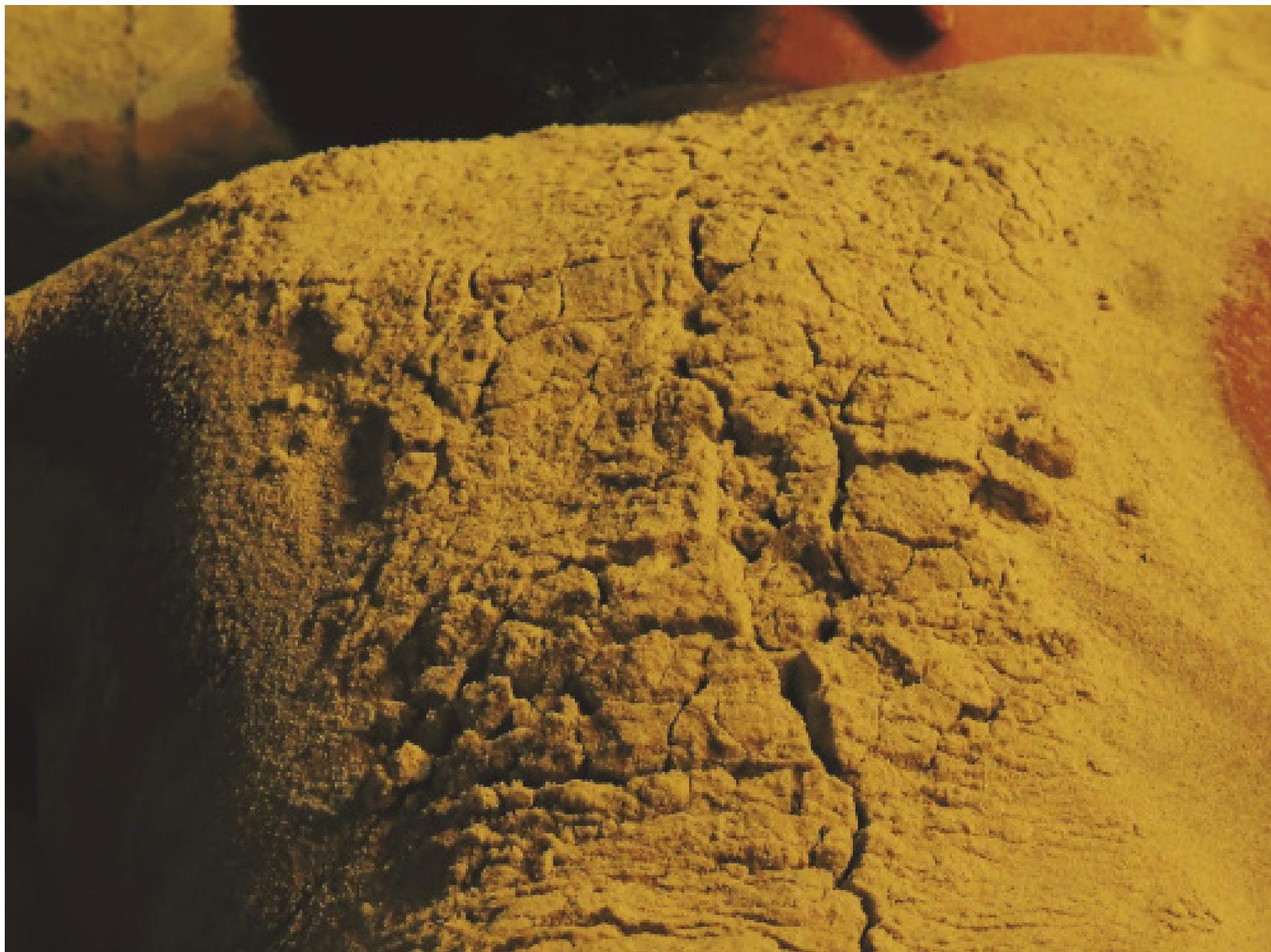
**Imagem 17: A roda da primeira dança. Ancés.** “O galo cantou no rompe da aurora, todo mundo entrou e eu fiquei de fora. Já não posso mais dançar como d’antes já dancei e dançar na terra alheia até meu dançar mudei.” – verso de Cacuriá manifestação popular do Maranhão, e minha primeira dança. (Galeria Vermelho/SP – Foto: Foto: Edouard Fraipont, 2019)



**Imagem 18: Todas as cores de terra** onde a aparição Ancés aconteceu, várias qualidades de Nanã de lugares distintos do país. Da areia de construção a cascalho de beira de rio. Acidentes Geográficos da rastros de aparição. (Foto: Daniel Pellegrin, 2019)



**Imagem 19.** Da África em mim ou o carimbo do meu ventre costurado por contas de Oyá. Outro dos mapas rastros da série Acidentes Geográficos, Carimbo de suor e saliva escorridos no corpo em tecido de algodão cru, com intervenção de carvão e verniz e aplicação de contas vermelhas e búzios. (Foto: Daniel Pellegrim, 2019)



**Imagem 20: Desenterrar. Ancés.** “O que é dançar como uma negra? Olhar um pouco atrás, o infinito possível de combinações que me precedem. Que me pré-cedem o gesto e me cedem a dança. Curvo-me como a Sankofa para dançar outras danças, para lançar-me a frente... odu odu odu. Manifestamo-nos uns nos outros. Queres saber por que dançam os outros de mim? Porque ao dançarmos fazemos correr a espiral de Exú. Legbara princípio ativo em todas as coisas.”- Trecho do texto Roda Preta escrito para ação Ancés. (CCVM – Foto: Paula Barros, 2017)